

A DISPARIDADE DE GÊNERO NO CAMPO CIENTÍFICO A PARTIR DO IMPACTO DA MATERNIDADE NA CARREIRA DAS MULHERES

Thayná Guedes Assunção Martins ¹
Joseanne Zingleara Soares Marinho ²

RESUMO:

Esta pesquisa foi criada a partir de inquietações sobre uma temática que se torna tão importante a ser debatida, principalmente durante a pandemia de Covid-19, onde a distinção entre o trabalho reprodutivo e não visto se torna ainda mais presente sobre as mulheres no recôndito do lar. Diante disso, o estudo visa abordar um debate sobre as desigualdades no campo científico a partir do fator gênero e sua intensificação com a vivência da maternidade. Assim, há a seguinte problemática: quais fatores encontram-se no entorno da persistência das desigualdades no campo científico a partir do gênero masculino sobre o feminino mesmo diante das conquistas das mulheres no que concerne a escolarização e o mundo do trabalho? Desse modo, serão discutidos alguns caminhos que orientarão esse questionamento, tendo na maternidade o agravamento das diferenças de gênero.

Palavras-Chave: História. Ciência. Gênero. Maternidade.

GENDER DISPARITY IN THE SCIENTIFIC FIELD FROM THE IMPACT OF MOTHERHOOD ON WOMEN'S CAREERS

ABSTRACT:

This research was created from concerns about a theme that becomes so important to be debated, especially during the Covid-19 pandemic, where the distinction between reproductive and unseen work becomes even more present on women in the recesses of the home. Given this, the study aims to address a debate on inequalities in the scientific field from the gender factor and its intensification with the experience of motherhood. Thus, there is the following problem: what factors are found around the persistence of inequalities in the scientific field from the male to the female gender even in the face of women's achievements with regard to schooling and the world of work? In this way, some paths that will guide this questioning will be discussed, with maternity worsening gender differences.

Keywords: History. Science. Gender. Maternity.

DISPARIDAD DE GÉNERO EN EL CAMPO CIENTÍFICO POR EL IMPACTO DE LA MATERNIDAD EN LAS CARRERAS DE LAS MUJERES

RESUMEN:

¹ Graduanda do curso de Licenciatura Plena em História na UESPI, Campus Poeta Torquato Neto. E-mail: thaynaguedes1996@gmail.com.

² Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História PROFHISTÓRIA da Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Professora Adjunta II UESPI, Campus Poeta Torquato Neto, em Teresina. Realiza pesquisas nos campos de gênero, história da saúde, história da infância, políticas públicas, ensino de história e história da educação. Líder do Grupo de Pesquisa em História das Ciências e da Saúde Sana. E-mail: joseannezsm@gmail.com.

Esta investigación nace a partir de inquietudes sobre un tema que cobra tanta importancia para ser debatido, especialmente durante la pandemia Covid-19, donde la distinción entre trabajo reproductivo e invisible se hace aún más presente en las mujeres en los recovecos del mundo. hogar. Ante esto, el estudio pretende abordar un debate sobre las desigualdades en el ámbito científico desde el factor género y su intensificación con la experiencia de la maternidad. Así, surge el siguiente problema: ¿qué factores se encuentran en torno a la persistencia de las desigualdades en el ámbito científico del género masculino al femenino incluso frente a los logros de las mujeres en materia de escolarización y mundo laboral? De esta forma, se discutirán algunos caminos que orientarán este cuestionamiento, con la maternidad agravando las diferencias de género.

Palabras Clave: Historia. Ciencia. Género. Maternidad.

Introdução

Apesar dos avanços a que as mulheres vêm alcançando nas instituições de pesquisa, é sabido que o ser feminino ainda é rodeado de avaliações classificadas apenas a partir do gênero. Perspectivando a compreensão sobre gênero, Joan Scott³ enriquece a discussão afirmando principalmente a utilização do uso do termo pelas feministas como uma maneira de se referir a organização social da relação entre sexos. Assim, a relação com a gramática é ao mesmo tempo explícita e cheia de possibilidades inexploradas. Explícita, porque o uso da gramática implica em regras formais que decorrem da designação de masculino e feminino; cheia de possibilidades inexploradas, porque em vários idiomas de países indoeuropeus existe a terceira categoria, sexo indefinido ou neutro. Na gramática, gênero é compreendido como um meio de classificar fenômenos, um sistema de distinções socialmente acordado mais que uma descrição objetiva de traços inerentes.

Dessa forma, o gênero nas palavras da autora supracitada está para além de uma categoria relacionada ao masculino e feminino, pois trata de uma abordagem social que leva em consideração uma concepção política e cultural, pois o gênero é uma construção histórica que envolve o estudo das questões relacionadas a igualdade entre homens e mulheres, constituindo ainda uma forma de resistência contra o pensamento socialmente edificado em torno das mulheres terem o sexo frágil. O gênero é uma categoria de análise que permite entender as mulheres como personagens com diferentes características, interesses e perspectivas de satisfação.

Partindo dessa análise o estudo traz como objetivo compreender as desigualdades tanto a título de preconceitos – nos quais a mulher sofre, mesmo diante da já notável presença

³ SCOTT; Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, V.15.n.2.jul/dez.1990.

A DISPARIDADE DE GÊNERO NO CAMPO CIENTÍFICO A PARTIR DO IMPACTO DA MATERNIDADE NA CARREIRA DAS MULHERES

no mundo científico através de produções e publicações, sobretudo nas áreas de humanidades, pois as áreas de exatas persistem sobre um público massivamente masculinizado - e disparidade salarial entre homens e mulheres, especialmente, no que tange a presença feminina na ocupação de cargos de liderança.⁴

Desse modo, a presente pesquisa versa sobre uma abordagem inteiramente importante a ser analisada, pois está relacionada a condições de desigualdades a partir do gênero, a saber, o trabalho reprodutivo, que centra-se sobretudo junto as mulheres, ainda que estas ocupem espaços de posição dentro do espaço público de profissionalização, este trabalho não reconhecido é direcionado essencialmente sobre elas. Assim, há a seguinte problemática: quais fatores encontram-se no entorno da persistência das desigualdades no campo científico a partir do gênero, mesmo diante das conquistas das mulheres no que concerne à escolarização e ao mundo do trabalho? Desse modo, serão elencados alguns caminhos que estarão orientando o referido questionamento, tendo na maternidade o agravamento das diferenças de gênero.

Este é um estudo de cunho quali-quantitativo, havendo o uso de dados oriundos de pesquisas no site do CNPQ e do *Parent in Science*, com esse último caracterizando-se como um grupo de pesquisa que visa dar suporte às mulheres mães pesquisadoras a partir do levantamento de dados, bem como ações junto a órgãos de financiamento de pesquisa para que seus editais sejam pensados também nas mães pesquisadoras. Além de gráficos resultantes de análises de artigos que visam fundamentar as diferenças sofridas pelo público feminino dentro do ambiente científico, dado ao fato de seu sexo, e seu agravamento quando chegada a maternidade e as atribuições que com ela advém. O trabalho está dividido em dois tópicos, um sobre a relação das mulheres com o mundo do trabalho e outro em torno das desigualdades no trabalho influenciados pelo fator gênero e algumas (in) conclusões.

As mulheres e o ofício: as relações femininas com o mundo do trabalho

Neste ponto, serão analisadas as percepções de trabalho destinado ao público feminino diante das variantes decorrentes do tempo, das necessidades sociais e econômicas, bem como dos fatores culturais inseridos massivamente como determinantes nos modos em

⁴ MADALOZZO, Regina; MARTINS, Sergio Ricardo; SHIRATORI, Ludmila. **Participação no mercado de trabalho e no trabalho doméstico: homens e mulheres têm condições iguais?.** Revista Estudos Feministas [online]. Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 547-566, mai-ago, 2010.

Thayná Guedes Assunção Martins e Joseanne Zingleara Soares Marinho
que as mulheres eram e passam a ser vistas na sociedade, e quais espaços poderiam ser destinados ao uso destas.

Fora dos ambientes destinados às mulheres, como o doméstico, a presença de mulheres foi concebida como ofensiva durante muito tempo. No início do século XX já era possível notar um relativo progresso feminino quanto à sua participação enquanto mão de obra no espaço público. No entanto, não havia uma oferta livre sobre todas as áreas para o pleno exercício do trabalho em qualquer profissão, pois ainda existiam as diversas resistências para o acesso feminino, prevalecendo a aceitação da presença feminina em atividades que fossem consideradas uma extensão das tarefas desenvolvidas já anteriormente por elas, tais como: professora, enfermeira, secretária, telefonista, cuidadoras dentre outras⁵.

Esse fator apontado, de ponderações quanto aos ofícios que poderiam ser exercidos pelas mulheres, atuaria como meio de controle feminino, pois, a inserção delas no mercado de trabalho não agradou a todos e a todas. No entanto, havia a necessidade da presença destas no espaço público do mercado de trabalho, então, como estratégia para atenuar os anseios dos conservadores juntamente com a necessidade da mão de obra feminina, optou-se por restringir quais espaços/trabalhos o ser feminino poderia ocupar, deixando de fora aqueles mais relacionados ao público masculino e de liderança. Essa movimentação de conquistas e certos avanços diante do cenário feminino no mundo do trabalho, onde havia a presença de mulheres de setor médio e até alto atuando no meio assalariado juntamente com as mulheres de camada pobre, ocorria devido a uma série de causas dentre as quais são pontuadas:

(1) a passagem gradativa da produção doméstica para o mercado e o conseqüente declínio do valor econômico do trabalho doméstico das mulheres; (2) a situação econômica precária da crescente classe média urbana, esmagada pelas altas taxas de inflação e pela pressão para consumir os produtos e serviços da economia de mercado que se expandia rapidamente; (3) a procura cada vez maior de funcionárias no setor de serviços; e (4) a adoção pelas próprias mulheres do valor burguês do trabalho, o que promovia seu desejo de maior auto-suficiência econômica e realização profissional⁶.

Esses fatores foram tidos como impulsionadores da nova e recente presença feminina diante do cenário público de profissionalização, de maneira não apenas a atender os anseios de parte das mulheres que reivindicavam e buscavam esse e outros direitos, mas com intencionalidades que visavam as questões econômicas da sociedade. Assim, no início do

⁵ MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: Sevcenko, Nicolau (org). **História da vida privada no Brasil**: República da Bela Époque à era do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

⁶ BESSE, Susan K. **Modernizando a desigualdade**: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil 1914-1940. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: editora da universidade de São Paulo, 1999. p. 143.

A DISPARIDADE DE GÊNERO NO CAMPO CIENTÍFICO A PARTIR DO IMPACTO DA MATERNIDADE NA CARREIRA DAS MULHERES

século XX, o trabalho puramente doméstico exercido pelas mulheres passa a ser desvalorizado em face das novas perspectivas que eram encontradas em torno do novo ideal de mulher introduzido na e pela sociedade, marcado por uma necessidade do capital comercial, que encontrava na mão de obra feminina uma menor remuneração salarial que dos homens.

Uma redefinição de contexto trabalhista era pautada pelo viés reivindicativo e econômico, com uma visão de que as mulheres já estavam naturalmente preparadas para muitos cargos, pelo menos, aqueles ligados ao cuidar, onde “com a rápida expansão do setor de serviços, os empregadores invariavelmente (e convenientemente) descobriram que as mulheres (que pediam salários muito mais baixos do que os homens) estavam “naturalmente” qualificadas para preencher os novos postos [...]”⁷. Nisso, a relação se mantinha com caráter de extrema desigualdade, já que além das mulheres não possuem o direito de exercer as funções trabalhistas que tivessem anseio devido ao fato de uma segmentação da mão de obra a partir do sexo, ainda precisariam acumular/administrar a carga horária de trabalho do lar e fora dele.

A vida na atividade pública nem sempre foi objeto de usufruto das mulheres, ao menos de um certo público feminino pertencente a uma classe mais privilegiada da sociedade, pois o ofício desenvolvido fora do lar era visto como causador de desordem familiar e as mulheres que tinham interesse em manter a família unida e o marido satisfeito com o casamento deveria deixar de lado qualquer perspectiva de emprego fora do ambiente doméstico, pois nesses locais já havia a presença de mulheres das classes menos privilegiadas, como aponta Rago:

O trabalho da mulher fora de casa destruiria a família, tornaria os laços familiares mais frouxos e debilitaria a raça, pois as crianças cresceriam mais soltas, sem a constante vigilância da mãe. As mulheres deixariam de ser mães dedicadas e esposas carinhosas, se trabalhassem fora do lar; além do que um bom número delas deixaria de se interessar pelo casamento e pela maternidade⁸.

Essa visão limitada do que deveria ser o ideal de mulher e quais os papéis sociais lhes cabiam, demonstram a não existência de possibilidade de acesso feminino no desempenho de funções que não fossem as estritamente domésticas ou relacionadas às

⁷ BESSE, Susan K. **Modernizando a desigualdade**: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil 1914-1940. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: editora da universidade de São Paulo, 1999. p. 148.

⁸ RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018. p. 578-606. p. 585.

Thayná Guedes Assunção Martins e Joseanne Zingleara Soares Marinho mesmas. Cabe refletir sobre quais mulheres está se falando, pois as mulheres pobres, e, sobretudo, as negras, sempre tiveram que desenvolver algum tipo de ofício, quer seja para complementar a renda familiar, quer seja para serem as próprias provedoras de suas casas, muitas vezes sendo chefe de família com filhos sem maridos, ou com os próprios maridos que não possuíam emprego.⁹ Como pode também ser visualizado que:

As mulheres negras, por sua vez, após a abolição dos escravos, continuariam trabalhando nos setores os mais desqualificados recebendo salários baixíssimos e péssimo tratamento. Sabemos que sua condição social quase não se alterou, mesmo depois da abolição e da formação do mercado livre no Brasil¹⁰.

Com o findar do processo de anos de escravização dos negros no Brasil, não houve qualquer tipo de pensar relacionado ao modo como este povo viveria no meio social, sem nenhuma assistência pública, ou política que olhasse por estes, a sua mão- de- obra não foi valorizada e nem requerida, havendo a preferência pelos imigrantes. Desse modo, o que restou a estes foi um caminho à margem da sociedade, onde, quem ainda encontrava algum tipo de meio de subsistência eram as mulheres negras ex-escravizadas, nas feiras, como amas de leite, dentre outros tipos de atribuições com menor valor social.

Realizando esse recorte racial, no qual é necessária que haja a compreensão no que tange às desigualdades no campo do trabalho, diante da sobrecarga dos afazeres domésticos e relacionados ao cuidar, junto com as atribuições desenvolvidas na esfera pública, demonstrando que a situação se torna ainda mais agravante quando visualizada a partir da raça. Além desse elemento racial deve existir, para que haja melhores oportunidades de emprego, maiores níveis de educação formal. Assim, o que se constata, segundo dados do IBGE (2018)¹¹, é que dentre a população a partir dos 25 anos de idade com ensino superior completo é dividida entre 23,5% para mulheres brancas e 10,4% sobre mulheres pretas ou pardas. Uma diferença de 13,1% entre o próprio sexo feminino, o que evidencia a disparidade a partir de fatores raciais, que ainda persistem dada as circunstâncias a que são relegados os negros no Brasil.

Retomando a ideia primeira aqui empreendida diante dos aspectos sobre a inserção das mulheres no mercado de trabalho, ressalta-se que não se trata de quaisquer mulheres,

⁹ Ver mais em: MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: Sevckenko, Nicolau (org). **História da vida privada no Brasil**: República da Bela época a era do rádio. São Paulo: companhia das letras, 2017.

¹⁰ RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018. p.578-606. p. 582.

¹¹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatísticas de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. **Estudos e Pesquisas**. Rio de Janeiro. 2018, n. 38, p. 1-13.

A DISPARIDADE DE GÊNERO NO CAMPO CIENTÍFICO A PARTIR DO IMPACTO DA MATERNIDADE NA CARREIRA DAS MULHERES

mas sim de um setor mais abastado da sociedade, sendo resultado de um processo longo e que ocorreu não sem intencionalidades e resistências.

Desde a primeira onda do movimento feminista já se tinha como pauta a busca por melhores condições de igualdade entre homens e mulheres, entendendo que só seria a partir da educação que essa paridade poderia acontecer ou conquistar alguns ganhos, ainda que não a igualdade de fato¹². Assim, dentre as reivindicações desse movimento já se almejava maiores níveis de escolarização, direito ao voto e maior inserção no mercado de trabalho. Não foi logo em seu início que o público feminino obteve sucesso quanto à conquista do direito sobre adentrar o espaço extra lar, pois os ideais referentes ao modelo social da época ainda se configurava sob uma ótica ultra conservadora que compreendia a saída das mulheres do recôndito do lar como uma ruína familiar e da sociedade.

Contudo, é visto que esse ideal de mulher como mantenedora da ordem familiar foi instituído não sem intencionalidades, pois o trabalho reprodutivo foi imposto como papel direcionado a ser desempenhado essencialmente por mulheres, garantindo, assim, a divisão não igualitária do trabalho. Diante das conquistas das mulheres ao longo do tempo, sobretudo no decorrer do século XX pode-se destacar o fato das mulheres poderem adentrar aos espaços públicos no desempenho de ofícios e com isso percebendo-se sobre novas concepções de realização pessoal para além da díade casamento- maternidade, mas sim, buscando encontrar novos meios de satisfação, como por exemplo, no campo profissional e também o acadêmico.

O ser feminino, impulsionado a primeiro momento a restringir suas atividades à esfera doméstica, posteriormente conquistando o direito ao acesso ao trabalho remunerado, ainda que em condições de desigualdades, e a primeiro momento voltado para profissões que fossem ligadas ao cuidar, levaria consigo a dupla jornada de trabalho, caracterizada pelo produtivo e o reprodutivo, onde este continua a ser incorporado como essencialmente feminino, pois construiu-se culturalmente a lógica que junto à feminilidade da mulher há aspectos intrínsecos à sua natureza existencial, pois há atividades que seriam desenvolvidas melhor por elas, e, por isso, continuam a ser destinadas somente, ou em grande parte, à elas.

O ponto é que diante da inserção feminina no mercado de trabalho produtivo não houve um pensar coerente quanto a divisão igualitária das atividades do lar, como os cuidados com os filhos, os trabalhos domésticos e a extensão disso, muitas vezes para com

¹² Ver mais em: ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, coleção primeiros passos, 1985.

Thayná Guedes Assunção Martins e Joseanne Zingleara Soares Marinho
o companheiro, que deveria ser um parceiro com quem deve haver a divisão dos trabalhos. Dessa forma, o trabalho reprodutivo destina-se em sua maioria à mulher. A discussão aqui travada reflete uma análise diante das desigualdades no cerne da divisão sexual do trabalho. Uma conceituação a esse respeito dá-se como principalmente sendo:

A forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como característica a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado [...] ¹³.

Observa-se uma visível divisão desigual entre os sexos quanto ao modo de trabalho, com os afazeres ligados à domesticidade, ou seja, o cuidar, que se encontra ligado ao ser feminino, no entanto, a crescente participação das mulheres na esfera pública de profissão tem exigido novos modelos de reorganização do trabalho doméstico, ainda que se constitua como um campo que tem a sua maior carga sobre a mulher. Abrir-se um parêntese diante desse assunto, para apontar que um modelo que vem buscando se firmar, advindo de lutas a partir do movimento feminista, não se configura como um fato alcançável em sua totalidade na atualidade. Dados do IBGE ¹⁴ com abordagens do ano de 2016, apontam que o tempo gasto por homens e mulheres nas atividades que envolvam o cuidar e/ou trabalhos domésticos ainda se constituem com diferenciais gritantes.

O percentual em horas diárias do tempo gasto com atividades reprodutivas se constitui em 10,5 para homens e 18,1 para mulheres. Esse é um total a partir do todo, sem distinção de raça, pois, quando é realizada esse recorte têm-se 10,4 por homens brancos diante de 10,6 para pretos ou pardos. Ao se reportar às mulheres no também recorte racial, obtêm-se 17,7 entre mulheres brancas e 18,6 para pretas ou pardas ¹⁵. Essa disparidade diante do trabalho doméstico e ou dedicado ao cuidar refletem diretamente na diferença salarial entre homens e mulheres, pois, seguindo o mesmo estudo, é demonstrado que homens possuem em média R\$ 2.306,00 de rendimento habitual mensal, enquanto ao ser feminino

¹³ HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de pesquisa**. V. 37, n 132, p. 595-609, set./dez., 2007. p.599.

¹⁴ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatísticas de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. **Estudos e Pesquisas**. Rio de Janeiro. 2018, n. 38, p. 1-13.

¹⁵ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatísticas de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. **Estudos e Pesquisas**. Rio de Janeiro. 2018, n. 38, p. 1-13.

A DISPARIDADE DE GÊNERO NO CAMPO CIENTÍFICO A PARTIR DO IMPACTO DA MATERNIDADE NA CARREIRA DAS MULHERES

recai R\$ 1.764,00 do mesmo acúmulo¹⁶. Portanto, mesmo diante das diversas lutas a que as mulheres vêm percorrendo para melhores condições de inserção e permanência no trabalho produtivo, é visto que a realidade ainda se mostra sempre menos favorável à mulher, e, sobretudo, a mulher negra.

Portanto, ao mencionar os aspectos em torno da inserção das mulheres no mercado produtivo é impossível deixar de relacionar as melhores condições a que este público vem alcançando, ainda que em proporções de desigualdade quanto ao homem, a saber, ao fator educacional, ou seja, os maiores níveis de escolarização das mulheres, e a presença delas no mundo acadêmico científico. O ser feminino apesar de encontrar-se atuando concomitantemente junto aos homens nas pesquisas científicas, e serem as responsáveis por grandes descobertas na ciência, estas são pouco conhecidas, sendo muito mais facilmente haver a lembrança/menção de nomes masculinos em detrimento do feminino.¹⁷

A discussão prossegue rumo aos dados no entorno das permanências ainda vivenciadas pelas mulheres diante do mercado de trabalho, manifestadas na existência das desigualdades salariais, maior acesso a bolsas de financiamento de pesquisas, ocupação de cargos de liderança, sobrecarga feminina devido a divisão sexual do trabalho, onde ainda compreende-se que existam atividades que devam ser exercidas essencialmente pelas mulheres, e outras que se destinam majoritariamente ao público masculino, com a primeira direcionada as relações de dependência/cuidar, quer seja no espaço privado, quer seja no mercado de trabalho. A segunda, ligada as áreas de atuação nas exatas, engenharias, matemática etc.

Nisso, as mulheres ainda possuem diversos desafios impostos pela sociedade a sua condição feminina, um deles sendo a maternidade como sinônimo de felicidade e realização, criando obstáculos ao estabelecimento de objetivos relacionados ao desejo profissional e acadêmico, já que caso ocorra uma gravidez, tais aspectos podem permanecer prejudicados devido ao tempo a ser destinado aos cuidados maternos. Outra limitação encontrada pelo

¹⁶ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatísticas de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. **Estudos e Pesquisas**. Rio de Janeiro. 2018, n. 38, p. 1-13.

¹⁷ Nesse sentido, têm-se alguns nomes que são grandes referenciais para a ciência no Brasil, tais como: Bertha Lutz, Graziela Barroso, Eulália Lobo. Onde a primeira, ativista feminina e bióloga, mas que se destacou devido as lutas enfrentadas no decorrer de sua trajetória em relação aos direitos femininos. Barroso foi uma renomada botânica brasileira, tendo sido professora de quase todos os botânicos brasileiros, tornando-se a maior catalogadora de plantas do Brasil. e a última, era historiadora, se consolidando como grande professora e pesquisadora e autora da primeira tese em História defendida no Brasil. Para mais informações ver MELO, Hildete Pereira de; RODRIGUES, Ligia M. C. S. **Pioneiras da ciência no Brasil**. Rio de Janeiro, SBPC, 2006.

Thayná Guedes Assunção Martins e Joseanne Zingleara Soares Marinho
público feminino está na ausência de confiança na ocupação de cargos considerados de liderança em instituições de pesquisa e nas empresas no geral, sendo relegadas as mulheres apenas funções relativamente tidas com extensão do lar.

As desigualdades no mundo do trabalho dado o fator gênero: uma análise quali-quantitativa

Apesar do público feminino, ao longo do tempo e em meio às necessidades a que a sociedade veio sofrendo sob os aspectos sociais, políticos, econômicos, e o que tange ao viés cultural, ele também teve que ocupar seu lugar de mudanças. A contenção das mulheres junto ao espaço do lar foi ficando cada vez mais insustentável, e estas foram tomando a ocupação de seus lugares no meio produtivo da sociedade. No entanto, ainda que em meio aos avanços no que diz respeito a sua participação no trabalho pago, esse público não se estabeleceu como maioria ou de maneira igualitária em todos os campos de atuação, havendo diante dos cursos de exatas e tecnológicos a presença massivamente masculina.

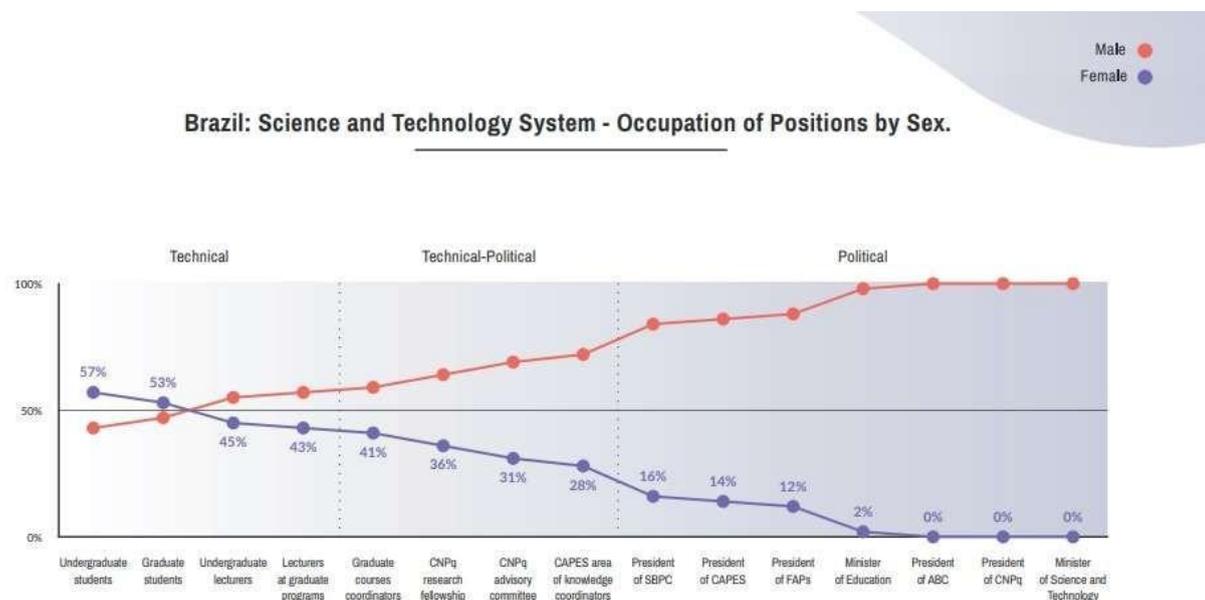
Dados do CNPQ de 2014 ¹⁸, apontam que na distribuição de bolsas por grandes áreas e sexo dos bolsistas, nas humanidades as mulheres se consolidam como maioria e ao chegar nas exatas, há uma considerável queda da participação do sexo feminino. Na primeira 60% da participação é do público feminino, restando 40% das bolsas sendo destinadas aos homens, e o segundo alcançando o número de 65% de bolsas nas mãos dos homens e 35% sob o uso das mulheres. Logo, fica visível que há ainda manutenção de cargos que sob um imaginário reproduzido culturalmente e mantido a partir de atitudes cotidianas restringem algumas áreas como estando mais ligadas ao universo masculinizado.

Assim, como um ideário de ocupação diante dos cargos de liderança como sendo mais rendáveis e produtivos a partir do comando masculino. A respeito desse panorama há um estudo que demonstra a segregação vertical, também conhecido como efeito tesoura, onde mesmo as mulheres encontrando-se qualificadas, e por vezes até mais do que os homens, ainda atuam em menor escala em vários cargos, sobretudo aqueles que demandam a tomada de decisões:

¹⁸ Bolsas de produtividade por grande área e sexo do bolsista. **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico**. Disponível em: < <http://www.cnpq.br/estatisticas1>>. Acesso em 24 de junho de 2020.

A DISPARIDADE DE GÊNERO NO CAMPO CIENTÍFICO A PARTIR DO IMPACTO DA MATERNIDADE NA CARREIRA DAS MULHERES

Gráfico 1: níveis de ocupação em áreas e posições de maior prestígio e estabilidade na carreira dado o fator gênero.



Fonte: ARÊAS, Roberta. et. al.¹⁹

Nota-se que a presença feminina na graduação e pós graduação se consolida até como maioria, no entanto, no decorrer da carreira o percentual feminino vai sofrendo uma queda, chegando em alguns pontos até mesmo sem a presença da participação feminina, o que é atribuído, dentre outros fatores, à maternidade haja vista a queda no número de publicações e produções acadêmicas. À vista desse cenário de desigualdades, muitas vezes velada, está um fator que deve ser considerado, a questão salarial. Homens e mulheres ainda continuam a ganhar salários diferenciados e, por vezes, ocupando os mesmos cargos. Dados do site Gênero e Número²⁰ apontam que homens ganharam salários superiores ao das mulheres em 82% das carreiras no ano de 2016. Considera-se que este dado foi fornecido a partir de uma análise diante dos trabalhadores formais, ou seja, essa conjuntura pode sofrer variantes quando relacionadas aos que atuam no mercado informal ou autônomo.

Quanto à carreira acadêmica esta se encontra manifestada principalmente através de publicações científicas, tais como: artigos, teses, dissertações, dentre outros, além da participação na direção ou coordenação de projetos vinculados às diversas universidades e

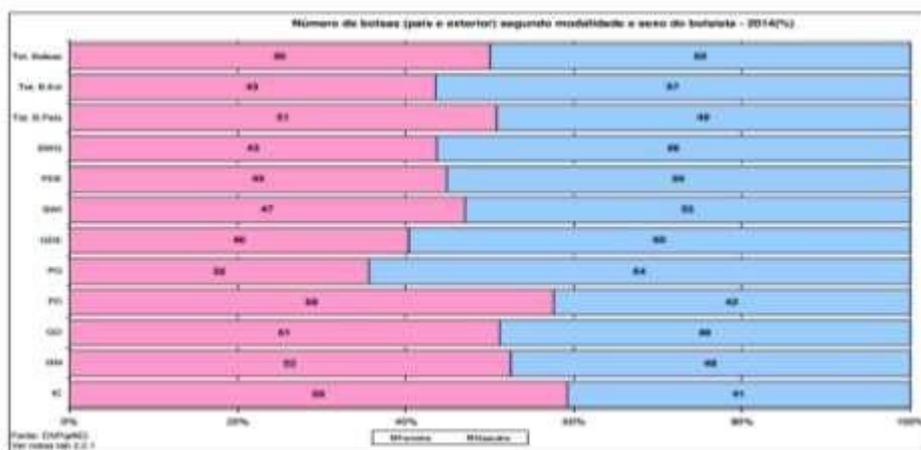
¹⁹ ARÊAS, Roberta. et. al. Gender and the Scissors graph of Brazilian Science: From equality to invisibility. Disponível em: < file:///C:/Users/Thayna/Downloads/women-academy-brazil-2020.pdf>. Acesso em: 20 de outubro de 2020.

²⁰ Qual a brecha salarial de gênero?. Disponível em: < http://www.generonumero.media/interativos/salario-genero/index.html>. Acesso em: 24 de setembro de 2020.

Thayná Guedes Assunção Martins e Joseanne Zingleara Soares Marinho
 outras instituições, o que tem ocorrido de forma desigual entre homens e mulheres, especificamente devido ao fator da maternidade, embora este não possa ser considerado o único, é o argumento mais forte. Desse modo, ainda existe atualmente a relativa concepção ou mesmo temor por parte dos representantes da academia de que as mulheres caso escolham vivenciar ou que já vivenciam o processo de maternidade tenham sua capacidade de pesquisa e produção reduzida drasticamente devido ao seu interesse ser quase que exclusivamente direcionado aos filhos, ao menos nos primeiros meses da criança.

Nisso, visualiza-se uma queda da presença feminina em níveis produtivos a partir do pós-doutorado diante das bolsas de pesquisadores por excelência (CNPQ, 2014)²¹, isso pode ser justificado por esse ser um período demarcado por uma faixa etária em que o fator biológico feminino impõe à mulher o papel de ser mãe integral nos primeiros meses da criança o que vai gerar uma queda em nível de produção, sendo coloca diante do dilema de ser ou não ser mãe e conseqüentemente seguir a carreira acadêmica.. Essa constatação se consolida através dos números disponíveis no gráfico a seguir, o que demonstra que o ser feminino ao buscar ocupar os lugares de destaque, de inserção, ou de permanência dentro do mercado de trabalho, necessita, ainda, estar mais qualificada do que os homens para ocupações de cargos semelhantes ou iguais ao que o público masculino ocupa.

Gráfico 2: Bolsas de produtividade por nível e sexo do bolsista



Fonte: CNPq²²

²¹ Pesquisadores por excelência. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Disponível em: < <http://www.cnpq.br/estatisticas1>>. Acesso em 24 de junho de 2020.

²² Bolsas de produtividade em pesquisa por nível em 2014. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Disponível em: < <http://www.cnpq.br/estatisticas1>>. Acesso em 24 de junho de 2020.

A DISPARIDADE DE GÊNERO NO CAMPO CIENTÍFICO A PARTIR DO IMPACTO DA MATERNIDADE NA CARREIRA DAS MULHERES

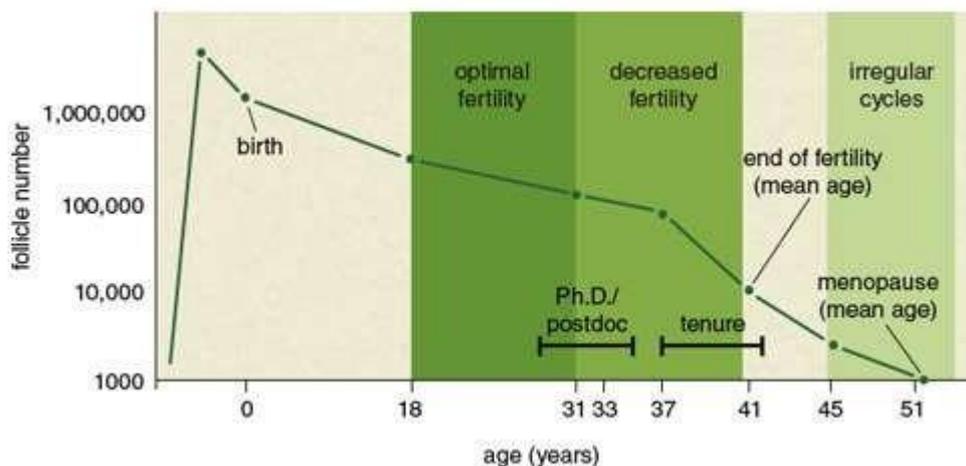
Diante do gráfico acima nota-se que as mulheres são soberanas nas iniciações científicas, mestrados, doutorados e pós-doutorados, evidenciando uma busca de melhores qualificações e aperfeiçoamento do seu ofício através do mundo científico, tendo sucesso na maioria das vezes nessa empreitada. No entanto, apesar de se estabelecerem como maioria desde a iniciação científica 59%, mantendo-se no mestrado com a porcentagem de 52% havendo um relativo declínio no doutorado com 51% e ascendendo como maioria no pós doutorado com 58% , nota-se que a partir das bolsas PQ (que são as bolsas de excelência para pesquisadores) os homens já integram a maioria com 64% em um ritmo de ascensão diante das bolsas dentro e fora do país acima dos 50%. (CNPQ, 2014)²³. Um aspecto ocasionado pela preocupação das mulheres com a maternidade, especialmente no cuidado com os seus filhos no dia a dia, haja vista que a produtividade científica aliada a sobrecarga do trabalho reprodutivo diante das mulheres as torna em um ritmo de desigualdade produtiva em relação ao sexo masculino.

Outro estudo que demonstra de maneira significativa a maioria masculina em relação ao campo acadêmico, e que pode ser aliado ao fator materno, é o estudo de Willians e Ceci (2012)²⁴, que apontam em sua pesquisa que diante da concorrência dada ao mercado de trabalho e a incansável busca por um aperfeiçoamento profissional e acadêmico, homens e mulheres devem estar dispostos a produzirem incessantemente e a sacrificarem certos aspectos de sua vida pessoal. Assim, acumulando um currículo vasto para que então tenha alguma possibilidade junto ao âmbito profissional propriamente dito. Contudo, esse período que vai de encontro com a maior possibilidade de estabilidade na carreira vai de encontro com um período chave para as mulheres, como pode ser evidenciado no gráfico a seguir.

Gráfico 3: Faixa etária de maiores chances de estabilidade na carreira científica é a mesma em que a fertilidade feminina começa a decrescer.

²³ Bolsas de produtividade país e exterior. **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico**. Disponível em: < <http://www.cnpq.br/estatisticas1>>. Acesso em 24 de junho de 2020.

²⁴ WILLIANS, W.M.; CECI, S.J. **When Scientists Choose Motherhood**. American Scientist, Volume 100, 2012. Disponível em<<http://www.americanscientist.org/issues/pub/when-scientists-choose-motherhood/1>> acesso em: 22 de junho de 2020.



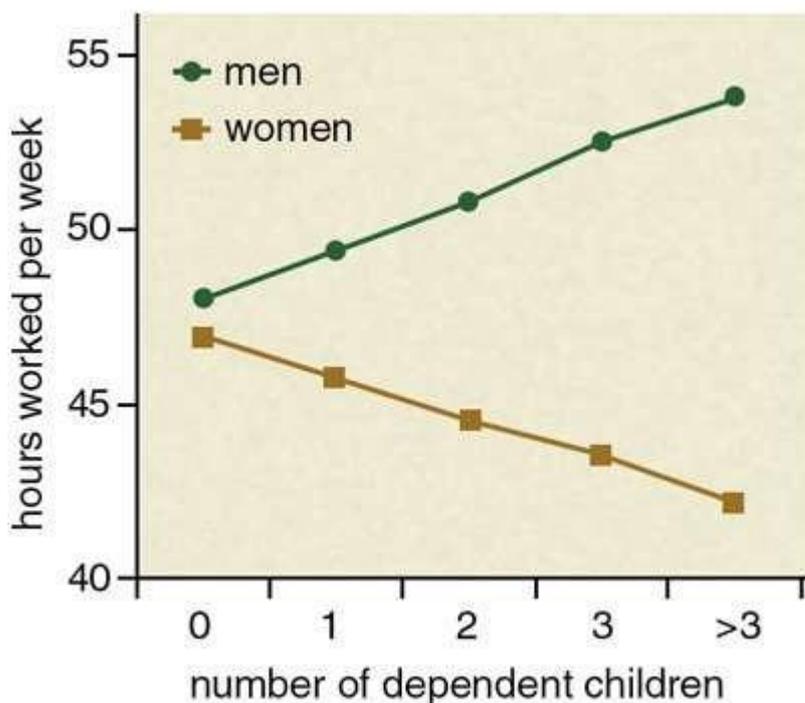
Fonte: Willians e Ceci (2012)²⁵

Nota-se que a faixa etária em que pesquisadoras e pesquisadores encontram-se para ir em busca de estabelecer-se em sua carreira, portanto, níveis além do pós-doutorado, quando podem constituir-se e firmar-se como professoras e professores acadêmicos, onde para essa consolidação se faz necessário as sempre incansáveis publicações, o que para as pesquisadoras se configura em um período decisivo, marcado pela faixa etária dos 37 a 41 anos, quanto as mulheres, estas se deparam com a queda da fertilidade. Desse modo, aquelas que optam pelo desenvolvimento da maternidade e a continuidade na carreira acadêmica/científica se deparam com enfrentamentos que para o sexo masculino, ainda que em desenvolvimento da paternidade, não segue a mesma linha de entraves.

Gráfico 4: participação no mercado produtivo sob a quantidade de filhos diante da paternidade e maternidade.

²⁵ WILLIAMS, W.M.; CECI, S.J. **When Scientists Choose Motherhood**. American Scientist, Volume 100, 2012. Disponível em <<http://www.americanscientist.org/issues/pub/when-scientists-choose-motherhood/1>> acesso em: 22 de junho de 2020.

A DISPARIDADE DE GÊNERO NO CAMPO CIENTÍFICO A PARTIR DO IMPACTO DA MATERNIDADE NA CARREIRA DAS MULHERES



Fonte: Willians e Ceci (2012)²⁶

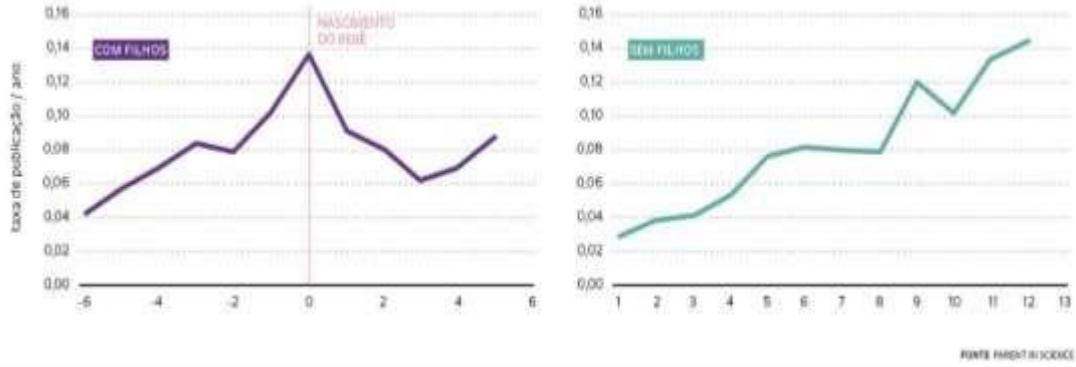
Este gráfico, ainda seguindo análises do estudo americano de Williams e Ceci (2012)²⁷, demonstra que, ao passo que homens vão tornando-se pais a sua participação no desenvolvimento do trabalho produtivo aumenta, o que vai acarretar o inverso para o público feminino, que quanto mais filhos possuem, menor é a sua participação no mercado de trabalho pago devido as limitações maiores impostas as mesmas. Seguindo essa perspectiva, agora no contexto brasileiro, aponta-se estudos e dados fornecidos pelo grupo de pesquisa Parent in Science²⁸, no qual demonstra o grau de produção científica antes e depois das mulheres vivenciarem a maternidade. Assim, torna-se possível ser visualizado no gráfico abaixo de que maneira a chegada do filho influencia na carreira acadêmica da mulher – mãe:

Gráfico 5: Trabalho comprometido: produtividade das pesquisadoras que se tornaram mães cai significativamente em relação às que não tem filhos

²⁶ WILLIAMS, W.M.; CECI, S.J. **When Scientists Choose Motherhood**. American Scientist, Volume 100, 2012. Disponível em <<http://www.americanscientist.org/issues/pub/when-scientists-choose-motherhood/1>> acesso em: 22 de junho de 2020.

²⁷ WILLIAMS, W.M.; CECI, S.J. **When Scientists Choose Motherhood**. American Scientist, Volume 100, 2012. Disponível em <<http://www.americanscientist.org/issues/pub/when-scientists-choose-motherhood/1>> acesso em: 22 de junho de 2020.

²⁸ Ver mais em: Disponível em <<https://www.parentinscience.com/sobre-o-parent-in-science>>.



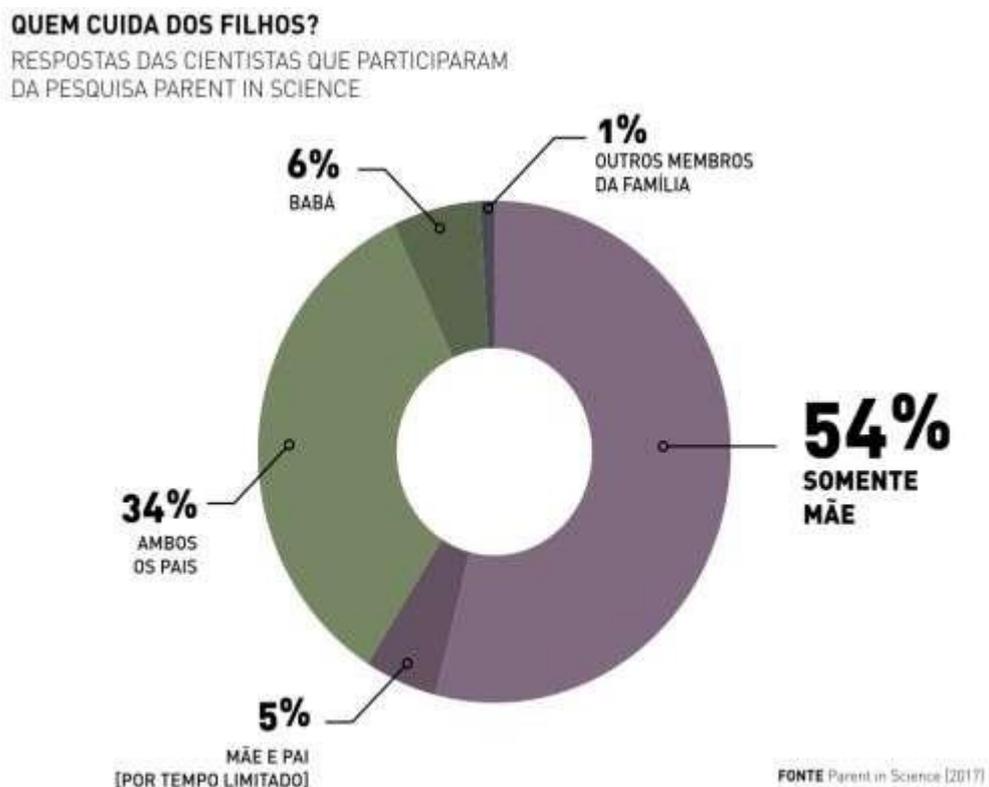
Fonte: Parent in Science (2017)²⁹

O gráfico acima aponta a queda e crescimento do número de produções científicas entre mulheres que tiveram filhos e aquelas que ainda não tiveram a experiência materna, tendo total tempo e interesse destinada as atividades de pesquisa. Nisso, o gráfico da esquerda apresenta o aumento da produção acadêmica das mulheres até ter seu decréscimo a partir do nascimento da prole e decaindo cada vez mais, ocasionadas pelas novas funções maternas. No gráfico da direita, o crescimento da produção acadêmica das mulheres sem filhos é contínuo, ou seja, sem interrupções, contribuindo para a relativa garantia de um currículo enriquecido e, portanto, maiores chances de lidar e concorrer com as ainda persistentes desigualdades do mundo profissional dado ao fator gênero. Ainda seguindo as pesquisas empreendidas pelo grupo de pesquisa Parent in Science (2017), há um outro dado que relata sobre a divisão de tarefas relacionadas ao cuidar do(s) filhos(s). O que segue:

²⁹ STANISCUASKI, Fernanda. **Sem considerar maternidade, ciência brasileira ainda penaliza mulheres.** disponível em: < <http://www.generonumero.media/sem-considerar-maternidade-ciencia-brasileira-ainda-penaliza-mulheres/>> acesso em: 22 de junho de 2020.

A DISPARIDADE DE GÊNERO NO CAMPO CIENTÍFICO A PARTIR DO IMPACTO DA MATERNIDADE NA CARREIRA DAS MULHERES

Gráfico 6: atribuições relacionadas a prole junto a mães pesquisadoras



Fonte: Parent in Science (2017)³⁰

Mais da metade daquelas que participaram da pesquisa relatam que são as únicas responsáveis pelo cuidado com os filhos, apenas 34% dividem as atividades relacionadas a prole. O que evidencia a desigualdade na divisão de tarefas e um dos fatores que torna a chegada de um filho, um fator de forte impacto na carreira das mulheres que se tornam mães, contudo, o mesmo não ocorre com a paternidade, concluindo que o impacto de ser pai não tem o mesmo peso para os homens que a vivência materna, dado em grande parte aos fatores inseridos culturalmente e que não mais podendo restringir o ser feminino ao recôndito do lar, o destina uma super carga de trabalho diante de uma ideia fantasiosa de que faz parte da natureza feminina se dividir em multitarefas e conseguir uma produção acadêmica e profissional significativa, ao não conseguir é transmitida implicitamente a ideia que seu lugar é em casa apenas.

³⁰ STANISCUASKI, Fernanda. **Sem considerar maternidade, ciência brasileira ainda penaliza mulheres.** disponível em: < <http://www.generonumero.media/sem-considerar-maternidade-ciencia-brasileira-ainda-penaliza-mulheres/>> acesso em: 22 de junho de 2020.

Considerações finais

A pesquisa pode oferecer contribuições quanto ao conhecimento das desigualdades no campo científico entre homens e mulheres, bem como o impacto da maternidade na carreira científica do público feminino. A solidez dos dados quantitativos são mecanismos de fundamental importância para a constatação das desigualdades entre os sexos, para que a partir de então seja possível se pensar em políticas públicas que melhor permitam a permanência da atividade feminina na carreira produtiva do campo científico.

Alguns movimentos instaurados no Brasil já buscam a diminuição dessas diferenças e desigualdades sofridas majoritariamente pela mulher, e agravadas com o peso da maternidade que recai sobre o ser feminino, dado a não igualdade na divisão sexual do trabalho, ou seja, ainda tendo a noção de função essencialmente masculina e funções voltadas exclusivamente ao público feminino. Cita-se o grupo de pesquisa *Parent in Science*, em que dentre as suas lutas e reivindicações há a conquista de diferentes editais de financiamento considerarem o período de licença maternidade no currículo, no qual é um período sem produtividade acadêmica e que gerava uma lacuna sobre as produções da mulher.

As referências bibliográficas, assim como a análise dos dados tornaram compreensíveis que a disparidade entre homens e mulheres na produção científica se acentua ainda mais no período decisivo para as mulheres que decidem tornar-se mães e que o fator biológico já não pode mais esperar, a faixa dos 37 à 41 anos, no qual aponta a queda da participação feminina e a permanência do público masculino no desenvolvimento de pesquisas. Nisso, aponta-se uma, dentre outras causas da queda na participação feminina nesse campo, demonstrando que a paternidade não gera impactos ao ser masculino tanto quanto para as mulheres.